

TEORIA DO SIGNO E SEU IMPACTO REVOLUCIONÁRIO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Wellington neves Vieira¹

Resumo: Este estudo trata de demonstrar a contribuição da descoberta do signo linguístico saussuriano para o avanço epistemológico nas ciências humanas e a sua reverberação no objeto de estudo do projeto de tese, que propõe uma abordagem de ensino da leitura literária na perspectiva da semiótica da cultura para formação do leitor modalizante no Ensino Médio. Traçou-se o projeto semiológico saussuriano perpassando pelo estruturalismo, pós-estruturalismo. Recorreu-se para tanto, às discussões no âmbito da Semiologia por Saussure (1916); Estruturalismo, Roman Jakobson (1929), Lévi-Strauss, (1945); Pós-Estruturalismo (DOSSE, 1997), Ginzburg (1992). Entre as principais contribuições, destaca-se que as ciências humanas, linguísticas e até médicas só puderam evoluir em suas pesquisas após a descoberta do “signo” postulado por Ferdinand Saussure.

Palavras-Chave: Signo saussuriano. Estruturalismo. Pós-Estruturalismo. Semiótica da cultura. Formação do leitor modalizante.

INTRODUÇÃO

É notório que existe uma ampla discussão acerca da organização de um método de investigação nas ciências humanas e linguísticas, desde a descoberta do signo estudado por Saussure (1916) até os dias atuais.

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em Crítica cultural. Campus-II — Alagoinhas - Bolsista (Capes). É membro do Grupo de Pesquisa “GPNECIL- Estética da Necropolítica na Literatura e no Cinema: Crítica da Razão de Exclusão - CNPQ, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua, sobretudo, nos seguintes temas: Literatura e Crítica Cultural, Letramento Literário; Formação de Professores no âmbito do Letramento Literário; Letramento Literário no âmbito da Crítica Cultural. Endereço eletrônico: Wellington.neveira@gmail.com.

Fiorin (2013), no livro "Saussure: a Invenção da Linguística", esclarece, no Projeto Semiológico, os princípios básicos da estrutura de Saussure do objeto língua — contido na arbitrariedade de signos e valores. O autor explica como Saussure apontou “duas dimensões no estudo da Semiologia: a do sistema e a do processo” (FIORIN, 2013, p. 105). Logo, concatenou um diálogo entre o projeto semiológico de Saussure que emergiu do Curso de Linguística Geral — CLG, “as ideias de Hjelmslev e os teóricos que deram continuidade à noção semiológica, assim, concluiu que Barthes e Greimas só puderam realizar a grande aventura semiológica do século passado depois do Curso de Saussure” (FIORIN, 2013, p. 110).

Em meio à publicação do CLG (1916), havia o movimento dos formalistas russos de 1910 a 1930, que foi a conexão entre Roman Jakobson e os estudos de Saussure sobre a linguagem com o formalismo prevalecente em Moscou, que provou ser o fator decisivo para tornar as teses de Saussure mais amplamente conhecidas e provocar o nascimento do estruturalismo do século XX (SELDEN *apud* PETER, 2000, p. 21).

Stuart Hall, no livro “Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais” (2003), assevera que Saussure foi fundamental para o surgimento do pós-estruturalismo. Vale ressaltar que as bases dos estudos de Stuart Hall são todas pautadas nos elementos dos significantes de representação social (HALL, 2003). Essa vertente teórica surge como uma crítica aos fenômenos do estruturalismo e o melhoramento de outros aspectos de estudos pautados na linguagem pela semiótica de Pierce e Greimas; por Christian Metz, na semiologia do cinema, seguida por Yuri Lotman; e, na semiótica da cultura, Umberto Eco.

Em “O paradigma indiciário”, proposto, por Carlo Ginzburg (1992), como um método de estudo inovador nas ciências humanas, a partir do entendimento do sistema de codificação e

identificação de decifração de signos, sobre o qual deve seguir pistas para trazer à tona a real descrição dos acontecimentos em mínimos detalhes, pois “se a realidade é opaca existem zonas privilegiadas — sinais, indícios que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1992, p. 177). Como se pode observar, a teoria de Ginzburg é uma epistemologia do signo.

A seguir, no primeiro tópico, discute-se a avaliação da utilidade teórica do signo saussuriano sobre a formação de um método teórico-epistemológico para explicar o reconhecimento do funcionamento dos sistemas de significação. No segundo tópico, procura-se posicionar a contribuição da marca teórica saussuriana do Estruturalismo ao Pós-Estruturalismo. Como resultado, a investigação evidenciou que as ciências humanas, linguísticas e até médicas só puderam evoluir em suas pesquisas após a descoberta do “signo” postulado por Ferdinand Saussure.

A SEMIOLOGIA SAUSSURIANA COMO MÉTODO

Este capítulo foi dedicado à avaliação da utilidade teórica do signo saussuriano sobre a formação de um método teórico-epistemológico para explicar o reconhecimento do funcionamento dos sistemas de significação. Quanto mais debruça-se sobre essa tarefa, mais identificam-se pontos-chave que subsidiam a noção do circuito estrutural de um método. Observa-se que Saussure consegue dar passos importantes para esse entendimento ao situar os princípios da Semiologia.

Em um dos aspectos-chave do pensamento de Saussure na organização de um método, primeiramente, é posicionado o lugar da língua nos fatos humanos, o que é conhecido como Semiologia. A esse lugar o teórico situa “a língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos [...] (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23).

Esse direcionamento é um tanto justificável, por assim dizer, no sentido de que a língua é inerente aos fatos de comportamento humano, pois dela não se desfaz porque é modelada dentro das múltiplas ações dos fenômenos individuais e coletivos dos sujeitos, a partir dela exprimem-se diversas formas de ideias. E essa possibilidade ocorre devido ao entendimento de que “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc., etc. ela é apenas o principal desses sistemas” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 24).

De acordo com a proposta situada pelo estudioso genebrês, pode-se entender a língua como um sistema de micropartículas organizadas. Saussure a denomina signos; e o entrelaçamento dessas cadeias é o que faz gerar sentidos que, por sua vez, são adotados pela entidade sociocultural para manifestar seus desejos e necessidades num ato de comunicação. Desse modo, constrói-se as bases de significação desse signo no contexto sobre o qual se insere o sujeito falante.

Assim, como em todo o método em organização, Saussure (2006 [1916], p. 24-25) traz algumas orientações pertinentes para poder avançar nas investigações:

A tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. [...] O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista. [...] acreditamos que, considerados os ritos, os costumes, etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência.

Com seus pressupostos organizados, Saussure parte para o campo e individua noções importantíssimas acerca dos estudos da língua nos mais variados ramos, tais como a fonologia, fonética,

linguística sincrônica e diacrônica, linguística geográfica, e deixa bem claro que a fala é uma opção de investigação secundária nessa fase, devendo-se focalizar a atenção na língua como objeto de estudo da Linguística (SAUSSURE, 2006 [1916]), em torno desses estudos faz a descoberta do signo linguístico e explica a sua caracterização dupla, arbitrária e as sistematizações de valores. É especificamente sobre essa caracterização do signo que tratam os próximos tópicos.

A natureza do signo linguístico

O primeiro processo é entender que “[...]os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 79/80), o que se entende, então, é que a base do signo saussuriano é totalmente psicológica, configura-se naturalmente na mente pela união de dois elementos e, desse modo, gera sua significação, pois é preciso lembrar que “[...] A unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 79).

Como resultado, o signo se manifesta como a unidade mínima de significação de um dado corpo linguístico. Essa dupla relação ocorre no processamento psíquico no qual “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Este não é um som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 80). Nessa definição, o teórico em tela explica que o termo signo será mantido para designar a totalidade da significação “[...] Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica

respectivamente por significado e significante” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 81).

O que se empreende é que a formação do signo ocorre simultaneamente de modo psíquico por dois processos distintos e singulares, cuja função é a de fazer significar. Esse fenômeno linguístico é marcado por características primordiais que são abordadas nesta pesquisa: princípios de arbitrariedade do signo e noção de valor do signo. A seguir, esses fenômenos são analisados.

A arbitrariedade do signo

A arbitrariedade do signo é marcada pela junção do significante e o significado, conforme explicita Saussure (2006 [1916], p. 81): “O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”.

Como verificado, entende-se que a relação entre o significante e o significado é arbitrária e, mais ainda, se o signo linguístico é constituído dessa relação, logo, o signo é arbitrário, não há nada de estático, como, por exemplo “[...] a idéia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual”, e esse apontamento poderia ser representado por SEA (S-E-A) do inglês ou por MARE (M-A-R-E) do italiano (2006 [1916], p. 81) Observe que a sequência de sons é outra, porém o significado é o mesmo. E nada indica no objeto que tenha algo que o leve a designar-se como: livro, coruja, moto ou bicicleta. Isso, como efeito, prova a convencionalidade do signo e mais, “desnaturaliza a linguagem,

deixando claro que a ordem da língua é diferente da ordem do mundo [...]” (FIORIN, 2013, p. 110).

A maestria de Saussure em situar e delimitar a definição da língua e toda a sua semiosfera foi fundamental para a estruturação do seu método, como afirma Silveira (2009, p. 50):

A noção de sistema, ou a teoria do valor, elaborada por Saussure e presente no Curso de Linguística Geral segue o curso de reflexões sobre a língua procurando saber como é a organização/sistema/ estrutura da língua mas, pode-se dizer que, reelabora a relação entre pensamento e língua. Tal feito não havia ainda sido conseguido e é amplamente reconhecido a partir do Curso de Linguística Geral.

Por esse feito é que se pode referir que Saussure é considerado o Pai da Linguística Moderna; e o “Curso de Linguística Geral”, publicado por seus estudantes, é um avanço para as pesquisas, em praticamente todos os campos do saber. Saussure mostrou como se organiza um método para, então, caracterizar determinada área de conhecimento como um campo epistemológico amplamente aceito pela comunidade científica.

É sobre esta noção de método que se configura esta pesquisa na tentativa de desenvolver um método de leitura literária, e, haja vista que a literatura é uma gama de signos diversificados, fez-se necessário o seu entendimento de formação do signo para diagramar o método de ensino, por isso, não se poderia deixar de explorar os campos das linguagens desbravados por Saussure. Aqui se delimitou aos elementos característicos do signo como um fator principal de formação do sistema de significação de um idioma e esse processo, ao mesmo tempo, permite situar-se nos estudos vivos do signo nos fatores sociais dos sujeitos.

Desde a descoberta do signo feita por Saussure foi publicada uma série de investigações e ensaios estruturando o

campo de pesquisa na linguística histórica, nas ciências humanas e médicas, nessa perspectiva, perfazendo estados da arte; sua decodificação inaudita ou, à reversa, entusiasma atitudes em favor de uma elaboração mais legítima, orgânica e sistemática da área de estudos — o que obriga a estender, em seguida, os limites deste restrito texto.

No tópico a seguir, de modo delimitado, examina-se a questão da ressonância do signo linguístico do estruturalismo ao pós-estruturalismo.

DO ESTRUTURALISMO AO PÓS-ESTRUTURALISMO

É a partir de Saussure que se dá todo um avanço dos estudos tanto estruturalistas como pós-estruturalistas. Neste tópico, trata-se de posicionar a contribuição da marca teórica saussuriana do estruturalismo ao pós-estruturalismo. A noção do signo no processo semiológico saiu da zona imanente da língua, vista apenas, do ponto de vista saussuriano, como ciência da linguagem verbal, e descortinou, assim, caminhos múltiplos, tanto nas zonas da linguagem quanto em áreas das ciências sociais.

O campo da linguagem fez germinar teorias linguísticas como o estruturalismo, funcionalismo e gerativismo, que datam até 1950. Seguido da década de 1960 até os dias de hoje, a linguística ganhou novos rumos, entre eles: linguística textual; pragmática; análise da conversação; análise do discurso; neurolinguística; psicolinguística; linguística aplicada; linguística forense; linguística queen e ecolinguística. Observa-se, por consequência, a magnificência dada à ciência da linguagem a partir da descoberta de Saussure.

Em meio à publicação do CLG (1916), havia o movimento dos formalistas russos de 1910 a 1930, foi a conexão entre Roman Jakobson e os estudos de Saussure sobre a linguagem com o

formalismo prevalecente em Moscou, o que provou ser o fator decisivo para tornar as teses de Saussure amplamente conhecidas e provocar o nascimento do estruturalismo do século XX (SELDEN, 1995 *apud* PETER, 2000, p. 21).

Nessa conjuntura, os estudos da linguagem avançaram, desse modo, acarretando uma formalização do Círculo Linguístico de Praga e Estruturalismo Funcional. Em 1929, houve o Primeiro Congresso Internacional de Slavistas, em Praga, e foram publicadas as “Teses de Praga” (ou Teses de 29), escritas principalmente por Jakobson. Assim foi oficializado o grupo do Círculo Linguístico de Praga (Pražský lingvistický kroužek), que vinha realizando estudos a fim de encontrar um método e uma proposta de estudo sistematizados (PRAGUE LINGUISTICS, 2010). Diversos pensamentos que eram discutidos no Formalismo Russo puderam ser aprimorados e desenvolvidos em Praga com base nas ideias de Saussure (TOLEDO, 1971).

O cientista formalista Roman Jakobson foi quem nomeou a palavra “estruturalismo” no congresso de Praga, discursou a respeito desse novo movimento, advogando que se fosse preciso escolher um termo que sintetizasse a ideia central da ciência atual, em suas mais variadas manifestações, dificilmente se poderia encontrar uma designação mais apropriada que a de estruturalismo (JAKOBSON, 1973).

Vale destacar que, nesse percurso, Jakobson tratou as formulações dicotômicas “(langue/parole, sincronia/diacronia) de Saussure de uma forma dialética, insistindo na estreita relação entre forma e significado, em uma situação de sincronia dinâmica” (WAUGH; MONVILLE-BURSTON, 1990, p. 9). Daí desenvolveu a sua teoria sobre as funções de linguagem.

As ideias de Saussure passaram a ser incorporadas do ponto de vista também social — como colocado pelos formalistas do

ciclo de Bakhtin, no livro “Marxismo e filosofia da linguagem” (2006 [1929]), em que se discute a respeito dos problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem por via da análise marxista à língua — os sentidos construídos na superestrutura e na infraestrutura, cujo prefácio, escrito por Roman Jakobson, assevera que a atenção está voltada à “Dialética do Signo”, e do signo verbal em particular, que é estudada no livro e conserva, ou melhor, adquire um grande valor sugestivo à luz dos debates semióticos contemporâneos (2006 [1929], p. 11).

Nota-se a importância do pensamento bakhtiniano originado em Saussure (1916), logo, na introdução do livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem” escrito por Marina Yaguello (2006 [1929]), que lembra que o círculo bakhtiniano afugenta importantes pensamentos para a evolução do campo semiológico, pois coloca, de passagem, os fundamentos da semiologia moderna.

Por um lado, os intelectuais bakhtinianos rejeitam o posicionamento de Saussure em relação “à língua” como um objeto abstrato ideal de um sistema sincrônico homogêneo, psíquico, de fala individual; e, por outro lado, situa a fala e a enunciação como uma natureza social, não individual, mas sim ligadas a estruturas sociais e, desse modo, caracteriza “o signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao ‘sinal’ inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato” (YAGUELLO, 2006 [1929], p. 15-16). E entende, assim, que a construção do signo ideológico ocorre nas relações sociais. Destarte, o signo, na semiologia moderna, do ponto de vista dos estudiosos bakhtinianos, é social, e não psíquico, abstrato e imanente da língua, como preconizou Saussure (1916).

Posto isso, é possível inferir que, no percurso histórico da teoria saussuriana, o posicionamento bakhtiniano se deu numa

primeira virada do signo que reverbera como uma visão ampliada para as áreas das ciências humanas.

Depois de descobrir a linguística estrutural por meio dos trabalhos de N. Trubetzkoy e R. Jakobson, Lévi-Strauss começou a constituir seus princípios em sua primeira temporada nos Estados Unidos. E, desde esse período, com efeito, ele acredita que “a etnologia deve seguir o mesmo caminho que a linguística se quiser adquirir o estatuto de uma ciência rigorosa” (LÉVI-STRAUSS, 1945, 1958, cap.II *apud* DESCOLA, 2009, p. 149)

Nessa perspectiva, Lévi-Strauss (1968, p. 34) sugere que o antropólogo estude sistemas de parentesco da mesma forma que o linguista estuda fonemas: “tal como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação; [...] eles só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem em sistemas”, de forma inconsciente e, ainda, de acordo com Lévi-Strauss, tanto em antropologia como em linguística, o método estrutural “consiste em descobrir formas invariantes no interior de conteúdos diferentes” (LÉVI-STRAUSS, 1968, p. 393), reconhecendo assim a grande contribuição de Saussure para o progresso de suas investigações incorporando a antropologia como parte da semiologia (PETER, 2000).

Até aqui foi analisada a repercussão do movimento teórico de Saussure nas bases do Estruturalismo Funcionalista, seguida das Ideias do Ciclo Bakhtiniano e da Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss. A seguir, a análise recai sobre um breve percurso da arqueologia do signo pós-estruturalista.

Para explicar os impactos do signo linguístico e avanços entre pesquisadores do pós-estruturalismo, faz-se necessário compreender que o seu início se deu a partir da publicação de “*Anthropologie structurale*”, de Lévi-Strauss (1949). A revolução estruturalista prosperou na França, especialmente

durante os anos de 1960: Roland Barthes, iniciado na linguística por A. J. Greimas, no começo dos anos de 1950, publica sua “Mythologies”, em 1957, e torna-se Directeur d'études, em “sociologia dos signos, dos símbolos e das representações”, da École des Hautes Études, em 1962; o jornal literário de vanguarda Tel Quel é fundado, em 1960, por Philippe Sollers; Michel Foucault publica “Folie et déraison: histoire de la folie à l'âge classique”, em 1961; em 1963, Louis Althusser convida Jacques Lacan para dar seu seminário na École Normale, iniciando um produtivo diálogo entre o marxismo e a psicanálise; o ano de 1966 vê a publicação do livro Pour Marx, de Louis Althusser, do “Les mots et les choses”, de Foucault, e “Écrits”, de Lacan (DOSSE, 1997).

O pós-estruturalismo é exemplificado pelos trabalhos de Jacques Derrida (1966), Michel Foucault (1970), Julia Kristeva (1969), Jean-François Lyotard (1979), Gilles Deleuze (1968), Luce Irigaray (1985); Jean Baudrillard (1981), entre muitos outros. Transcorre, então, uma contundente relação com críticos literários, tais como Maurice Blanchot (1982) e Roland Barthes (1973). Os intelectuais pós-estruturalistas desenvolveram formas peculiares e originais de análise centrada na semiosfera (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise), com periodicidade crítica empregada em instituições específicas (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria filosofia) e para a teorização de uma ampla gama de diferentes meios (a “leitura”, a “escrita”, o ensino, a televisão, as artes visuais, as artes plásticas, o cinema, a comunicação eletrônica) (DOSSE, 1997).

Na virada do signo linguístico-cultural não se poderia deixar de citar um importantíssimo estudo devotado ao Signo Deleuziano, na tese doutoral de Roberto Duarte Santana Nascimento (2012), intitulada: “Teoria dos signos no pensamento

de Gilles Deleuze”, essa investigação traz como resultados: a complexidade de uma teoria dos signos que insiste virtualmente nos livros e artigos de Deleuze; um dos aspectos mais inovadores desta teoria é que, nela, o signo deixa de ser definido pelo imperialismo do significante e passa a caracterizar apenas um dos regimes de signos, que não é nem o mais aberto nem o mais importante.

Além disso, nesta teoria o pensamento deixa de ser um ato de boa vontade de uma consciência soberana, como ocorre nas imagens tradicionais do pensamento, pois, para Deleuze, pensar implica um *pathos*, ou seja, é uma atividade disparada involuntariamente pela força de um signo, pela violência de tal encontro. Nesse estudo, mostra os caminhos deleuzianos ao apropriar-se da noção do signo saussuriano para elaborar seus próprios métodos e configurar um signo revolucionário de ato político.

Não se pode esquecer que Stuart Hall, no livro “Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais” (2003), afirmou que o Saussure foi fundamental para o surgimento do pós-estruturalismo. Vale ressaltar que as bases dos estudos de Stuart Hall são todas fundadas nos elementos dos significantes de representação social (HALL, 2003). Essa vertente teórica surge como uma crítica aos fenômenos do estruturalismo e melhoramento de outros aspectos de estudos pautados na linguagem pela semiótica de Pierce e Greimas; por Christian Metz, na semiologia do cinema, seguida de Yuri Lotman; na semiótica da cultura, e de Umberto Eco.

Em “O paradigma indiciário”, Carlo Ginzburg (1992) propõe um método de estudo inovador nas ciências humanas, a partir do entendimento do sistema de codificação e identificação de decifração de signos, sobre o qual deve seguir pistas para trazer à tona a real descrição dos acontecimentos “se a realidade é opaca

existem zonas privilegiadas — sinais, indícios que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1992, p. 177). Como se pode notar, a teoria de Ginzburg é uma epistemologia do signo. O intelectual indiciário, ao tentar justificar o seu método, questiona “a orientação quantitativa e antiantropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu” (GINZBURG, 1992, p. 178), por enfraquecer os estudos das ciências humanas levando-as a dois dilemas: “ou assumir um estatuto científico frágil [...] ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. Só a linguística conseguiu, no decorrer deste século, subtrair-se a esse dilema, por isso pondo-se como modelo [...] também para outras disciplinas” (GINZBURG, 1992, p. 178).

O que se tem observado em todo o percurso do estruturalismo ao pós-estruturalismo é que todos esses autores descobriram e criaram suas teorias com ênfase metodológica centrada no signo, assim, constata-se que as ciências humanas, linguísticas e até médicas só puderam evoluir em suas pesquisas após a descoberta do “signo” postulado por Ferdinand Saussure, como se pode observar na figura a seguir, na qual dispõe-se um resumo dos estudiosos que foram influenciados direta e indiretamente pelo pai da linguística moderna.

ESTRUTURALISMO E PÓS-ESTRUTURALISMO

por *Michael Peters*

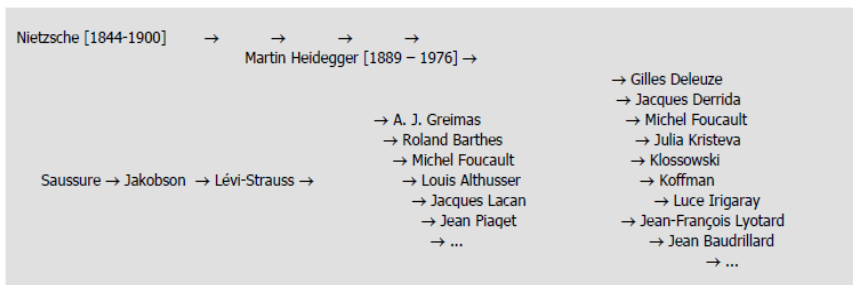


Figura 1 — Petes (2000, p. 46).

Em conjunto, este tópico objetivou contextualizar a repercussão do signo linguístico saussuriano do estruturalismo ao pós-estruturalismo para constatar a revolução da virada científica em todos os campos das áreas da linguagem, de modo mais específico e de forma mais ampla nas ciências humanas, como um modelo a ser atingido.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, fez-se, inicialmente, uma discussão sobre a contribuição de Ferdinand de Saussure (1916) para a compreensão do signo linguístico a partir das suas unidades mínimas de estruturação — com o significante e o significado, bem como a arbitrariedade do signo e a noção de valor. Percebe-se que esses fatores são veementemente preponderantes para entender a descoberta de um método pautado na compreensão do signo linguístico e toda a sua contribuição para a organização dos estudos no campo das ciências humanas de modo geral e das ciências da linguagem de modo mais específico.

Já no segundo tópico, examinou-se a repercussão do signo linguístico saussuriano do estruturalismo ao pós-estruturalismo, desse modo, constatando-se a revolução da virada científica em todos os campos das áreas da linguagem, de modo mais específico e de forma mais ampla nas ciências humanas, como um modelo a ser atingido evoluindo para o estruturalismo teórico como em Roman Jakobson (1929) e Lévi-Strauss (1945); para o pós-estruturalismo — por via do olhar de Dosse (1997); as contribuições de Jacques Derrida (1966), Michel Foucault (1970), Julia Kristeva (1969), Jean-François Lyotard (1979), Gilles Deleuze (1968), Luce Irigaray (1985); Jean Baudrillard (1981), e vários outros. Posicionou também o “paradigma indiciário”, proposto por Carlo Ginzburg (1992), como um método de estudo inovador nas ciências humanas a partir do entendimento do sistema de

codificação e identificação de decifração de signos, sobre o qual se deve seguir pistas para trazer à tona a real descrição dos acontecimentos. Os intelectuais pós-estruturalistas desenvolveram formas peculiares e originais de análise centrada na semiosfera (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise).

Destarte, os resultados desta proposta o em todo o percurso do estruturalismo, pós-estruturalismo é que todos esses autores descobriram e criaram suas teorias com ênfase metodológica centrada no signo, assim, sendo possível constatar que as ciências humanas, linguísticas e até médicas só puderam evoluir em suas pesquisas após a descoberta do “signo” postulado por Ferdinand Saussure.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec. 2006.

DESCOLA, p. *Claude Lévi-Strauss*. Estudos Avançados 23 (67), 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/VpfxWvyp8gBkhs8MSppnszc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

DOSSE, François. *History of Structuralism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

FIORIN, José Luiz. O Projeto Semiológico. In Saussure: *a invenção da linguística*/ José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges Barbisan (Org.). São Paulo: Contexto, 2013.

FONSECA, Valnei Alexandre da. *O estudo do significante sob o olhar da linguística e da psicanálise*. Dissertação de mestrado (2012). Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2061782. Acesso em: 11 out. 2021

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

- GINZBURG, Carlo. Sinais: Paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 1ª reimpressão. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- Hall, Stuart (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- LÉVI-STRAUSS, C. L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie. *Word, Journal of the Linguistic Circle of New-York*, v.1, n.2, p. 1-21, Aug. 1945.; 1958.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural Anthropology*, Londres: Allen & Unwin, [1958], 1968.
- JAKOBSON, R. *Linguística. Poética. Cinema: Roman Jakobson no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- Nascimento, Roberto Duarte Santana, 1980. *Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze / Roberto Duarte Santana Nascimento*. Campinas, SP: [s.n.], 2012. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280549/1/Nascimento_RobertoDuarteSantana_D.pdf. Acesso em: 4 out. 2021.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filo-sofia da diferença*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000.
- PRAGUE LINGUISTICS. 2010. Disponível em: <http://www.praguelinguistics.org/en/>. Acesso em: 2 ago. 2021.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. A. Chelini, J.p. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Cours de linguistique générale. Charles Bally e Albert Sechehaye (Org.), com a colaboração de Albert Riedlinger [1916].
- SOUZA, Lícia Soares de. *Introdução às teorias semióticas*. Petrópolis, RJ; Vozes; Salvador, BA; 2006.
- TOLEDO, D.O. (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- YAGUELLO, Marina. Introdução I. Bakhtin, o homem e seu duplo. In: BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel. Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec. 2006.